



BRAVOS
KAIINGANGS!

LEONILDO DA ROCHA POSSARI

BRAVOS KAIANGANGSI

LEONILDO DA ROCHA POSSARI

La BONGAO - 1993

COMPOSIÇÃO: JORNAL FOLHA DO POVO
Rua Capote, 897 - Fone: (0144) 42-2815
CEP 17804-100 - TUPÁ SP

IMPRESSÃO: GRÁFICA E EDITORA CINGRIS
Rua Chavantes, 234 - Fone: (0144) 42-2643
CEP 17804-100 - TUPÁ SP

ILUSTRES KANGANGS - 40

Inda Varure (biografia), 41; Duplamente - Jairo Reis, 42; Cacique Leoni (biografia), 43; Duplamente - Joffe Sotol Torres, 44.

NA ALDEIA VANURIE - 46

A influência de Tuóá, 46 - A Lizenização dos Kangangs, 48.

ACTUALIDADES - 50

O Povo indígena Vanure (localização geográfica), 51; O tempo atemporal de Adria Varure, 52; Quadro demográfico de Vanure, 54; Saúde, 56; Educação, 55; Ensino Bilingue, 57; Uma aldeia que vai cair, 58; Religião, 59; Povoação, 58; Agricultura, 59; Um dia Especial, 60; Agricultura, 61; Reserva natural, 62; Enfeitamento, 62; Armas, 63.

BIOGRAFIAS - 65

Maria Dória de Carreira - Carreira, 66; Carrão Correia, 67; Cacique André de Barros, 68.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota final, 71; Glossário, 72; Bibliografia, 74.

BRAVOS KAINGANGS!

LEONILDO DA ROCHA POSSARI

Denato Nicolai **1.ª EDIÇÃO - 1993**

COMPOSIÇÃO: JORNAL FOLHA DO POVO
Rua Caetés, 587 - Fone: (0144) 42-2515
CEP 17601-150 - TUPÃ-SP

IMPRESSÃO: GRÁFICA E EDITORA CINGRAL
Rua Chavantes, 564 - Fone: (0144) 42-2643
CEP 17601-180 - TUPÃ-SP

CAPA: Luis Otávio Nogueira e Silva

ILUSTRAÇÕES:

**Alessandra Velini de Andrade
Antônio Carlos Pires de Almeida
Márcia Alessandra Ferreira
Neimar Franco de Oliveira
Marcos Evangelista
Vilson Siveri**

REVISÃO: Prof. Sebastião Dassi

**IMPRESSÃO: GRÁFICA E EDITORA CINGRAL
Rua Chavantes, 564 - Fone: (0144) 42-2643
CEP 17601-180 - TUPÃ-SP**

DIAGRAMAÇÃO: Rosabel Machado

IMPRESSÃO: Oziel Biscaichim

ACABAMENTO:

**Carlos Soares Malta
Rogério Neves
Fábio Valentim
Edílio Borin
Salvador Fernandes dos Santos**

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Dirceu Luiz Michelan

ÍNDICE

PRÓLOGO

Apresentação, 07; Obras do autor, 08; A palavra do Autor, 09; Introdução, 11; Esclarecimentos, 13.

A HISTÓRIA DA PACIFICAÇÃO DOS KAINGANGS - 15

A guerra de há muito, 16; Um "festival de morticínio", 16; Um presente causa várias mortes, 17; A repercussão dessa carnificina, 17; O Serviço de Proteção aos Índios, 17; O plano de Rondon, 18; As dificuldades dos Pacificadores, 18; Uma grata surpresa, 19; O primeiro contato com os Kaingangs, 20; A primeira Aldeia, 20; O abandono da Aldeia, 21; A emboscada, 22; Um obstáculo salva uma vida?, 22; O diálogo, 22; O encontro da paz, 23; Admiração pelo fósforo, 23; A população Kaingang, 24; Os principais Líderes, 25; O término da pacificação, 25; No final feliz uma ausência, 25.

OS COSTUMES - 27

As casas, 27; O nascimento, 28; O casamento, 28; A morte, 29; A coleta, 29; O sobrenatural, 31; A chefia, 31; Meios curativos, 31; A caça, 32; A agricultura, 34; As viagens, 34; Preparos Kaingangs, 34; O fogo, 35; A festa do kiki, 35; O kiki, 36; A arte, 36; As brigas, 37; Atitudes elogiáveis, 38; A pesca, 38.

ILUSTRES KAINGANGS - 40

Índia Vanuíre (biografia), 41; Depoimento - Nereo Nave, 42; Cacique Lacri (biografia), 43; Depoimento - João Soler Torres, 44.

NA ALDEIA VANUÍRE - 46

A influência de Tupã, 48; A Dinamização dos Kaingangs, 48.

ATUALIDADES - 50

O Posto Indígena Vanuíre (localização geográfica), 51; O "retrato" sintético da Aldeia Vanuíre, 52; Quadro demográfico de Vanuíre, 54; Saúde, 55; Educação, 55; Ensino Bilíngue, 57; Uma iniciativa que "vale ouro", 58; Religião, 59; Pecuária, 59; Avicultura, 59; Um dia Especial, 60; Agricultura, 61; Reserva natural, 62; Entretenimento, 62; Artesanato, 63.

BIOGRAFIAS - 65

Maria Cecília de Campos - Candire, 66; Canuto Conechu, 67; Cacique Antônio Barbosa, 68.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota final, 71; Glossário, 72; Bibliografia, 74.

APRESENTAÇÃO

Leonildo da Rocha Possari nasceu a 29 de setembro de 1961, no Bairro Sete de Setembro, Município de Tupã-SP. É solteiro e de família humilde.

Seu gênio ensimesmado reflete a voz inquieta, sem resistência a palpitações, como pétalas de rosas desprendidas do botão a "farfalhar" sob a ação do vento, dissipando cenários.

Nesta obra, o Escritor se aprofunda no passado e desperta fatos... adormecidos entre frondosos ecos, originando, as linhas-mestras de um tema discutido: OS INDÍGENAS.

Ao lado da família, Sr. Ormindio Rocha, Da. Amélia Possari da Rocha - seus pais -, Nivaldo Possari da Rocha e Ze-naide da Rocha Possari Filetti - seus irmãos -, Leonildo residiu por muitos anos no perímetro rural, mudando-se para a cidade de Tupã, somente aos 14 anos de idade.

Da vida campestre, conserva no bojo o contraste da magnitude Celestial: a contemplação primaveril em meio ao trinar avícola, com a necessidade da energia serviçal, em dias de sol cáustico.

Na nobre maneira instrutiva, considera-se um autodidata ferrenho, pois possui apenas o 2o. grau; todavia, reproduz desleixo pela matemática e por matérias correlatas.

Envolvido pela corrente inspiradora, seu pensamento se acalma somente com o bel-prazer dos "pergaminhos". Assim, o Escritor Leonildo da Rocha Possari disciplina os ideais e vai se transformando numa criatura de escol.

Só nos resta acompanhar a sua trajetória, torcendo - mais do que nunca - para que encontre "sombras-brandas" e que se posicione na galeria dos maiores na graça imorredoura.

O EDITOR

OBRAS DO AUTOR

- GOTAS DE MEL - (1984, crônicas e poesias) em co-autoria com o Prof. Sebastião Dassi.
- RASTROS AO VENTO - (1985, poesias).
- "EU VOLTO DEPOIS" - (1989, poesias).
- VIAGEM SEM FIM - (1990, poesias e contos).
- UM PARAÍSO ESPINHOSO - (1991, poesias).
- SON-RI-SAL - (1991, humor).

ENDEREÇO:

LEONILDO DA ROCHA POSSARI

Rua Antônio Castilho, 191

CEP 17601-520 - TUPÃ-SP

A PALAVRA DO AUTOR

É trabalhoso retroceder ao passado, precipuamente épocas semotas: as fontes vivazes já se definharam no tempo, restando apenas "A MEMÓRIA DE UMA SAUDOSA MEMÓRIA".

No processo interrogativo, os acontecimentos vacilam e caem na aleatoriedade, ainda que a verdade seja esmerada. Assim, recorro, de forma segura, aos arcaicos registros, que nos dias hodiernos são preciosidades; sem no entanto, vilipendiar os depoimentos/respostas, que até então figuravam no anonimato.

Ressalte-se, inclusive, que fatos inéditos foram perseguidos e alcançados dentro das possibilidades, desenrolando passagens que alinham os anais da Região, personalizados preliminarmente por índios bravios (kaingangs); porém, os mesmos, paulatinamente, perdiam espaço na floresta, face aos desbravadores, dado o recrudescer da demografia.

Esta panorâmica recalcada de anseios culminou em conflitos trágicos: os guerreiros, na contenda impetuosa, esqueciam da fragilidade da vida e a morte "germinava saltitante".

Apesar dos pesares, predominou a irmandade (índio/homem branco). E hoje, o progresso é o nosso legado. Sem dúvida "A UNIÃO FAZ A FORÇA".

O mundo "segue". Nele, passam gerações e gerações. Urge uma corrente contínua de filósofos/historiadores; afinal, "AVIVAR O PASSADO É ETERNIZAR OS ACONTECIMENTOS".

LEONILDO DA ROCHA POSSARI

A PALAVRA DO AUTOR

É um prazer para mim escrever ao leitor, especialmente
quando se trata de uma obra de caráter científico e
técnico, como é o caso da obra "A MEMÓRIA DE UMA SALMOIRA".
No presente trabalho, o leitor encontrará uma série de
dados e informações que poderão ser úteis para a
realização de pesquisas e estudos relacionados à
salinidade das águas e ao processo de formação das
salinas. Assim, espero que este trabalho possa contribuir
para o conhecimento e a utilização adequada dos
recursos salinos disponíveis no Brasil.

Esta obra foi elaborada com base em dados coletados
durante as pesquisas realizadas no âmbito do Projeto
de Pesquisa em Salinidade das Águas (PROSA), financiado
pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e
Tecnológico (CNPq). Agradeço aos colegas do PROSA
pelo apoio e colaboração durante o desenvolvimento
deste trabalho.

Este trabalho foi elaborado com base em dados coletados
durante as pesquisas realizadas no âmbito do Projeto
de Pesquisa em Salinidade das Águas (PROSA), financiado
pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e
Tecnológico (CNPq). Agradeço aos colegas do PROSA
pelo apoio e colaboração durante o desenvolvimento
deste trabalho.

LEONILDO DA ROCHA POSSARI

INTRODUÇÃO

Concentrados em Terras Tupãenses - na Aldeia Vanuíre - os índios Kaingangs constituem uma relíquia primordial. Os historiadores afirmam que os mesmos são descendentes da tribo Guayanã, cujos índios habitavam o Brasil na época de seu descobrimento.

Pertencentes ao grupo Jê ou Tapuia, os Kaingangs praticavam costumes de extrema primitividade, apesar de cercados pela ação transformadora dos civilizados.

Caçados pelos bugreiros e considerados como estorvo à marcha do progresso, os Kaingangs estampavam sua valentia, com arco e flecha em punho.

Resurgidos da saudade, os vultos de um passado distante permanecem vivos em nossa memória, como algo abstrato, aos quais, dispensamos todo carinho e admiração, mormente, à Índia Vanuíre e ao Cacique Iacri.

Resta-nos defender os remanescentes e as etnias, que enfeixam a Aldeia Vanuíre, guardando, no coração, cada personalidade indígena.

INTRODUÇÃO

Constituído em 1964, o Instituto de Física da Universidade de São Paulo, sob a direção de seu fundador, o Prof. Dr. Roberto Coimbrão de Almeida, desenvolveu um programa de pesquisas em Física Nuclear e Física de Partículas, que se tornou um dos mais importantes do país.

Atualmente, o Instituto de Física da Universidade de São Paulo mantém em funcionamento um programa de pesquisas em Física Nuclear e Física de Partículas, que se tornou um dos mais importantes do país.

Este trabalho apresenta os resultados das pesquisas realizadas no Instituto de Física da Universidade de São Paulo, sob a direção do Prof. Dr. Roberto Coimbrão de Almeida.

Os resultados das pesquisas realizadas no Instituto de Física da Universidade de São Paulo, sob a direção do Prof. Dr. Roberto Coimbrão de Almeida, são apresentados neste trabalho.

Para mais detalhes das pesquisas realizadas no Instituto de Física da Universidade de São Paulo, sob a direção do Prof. Dr. Roberto Coimbrão de Almeida, consulte o relatório de pesquisa.

ESCLARECIMENTOS

Além do valor indigenista, duas razões básicas fundamentam este opúsculo:

- 1o.) O Estado de São Paulo, tão densamente povoado e possuidor de pólos industriais, se viu, em pleno século XX, "enroscado", em restos de florestas, em que hoje figuram belíssimas cidades, inclusive a progressista Tupã.

- 2o.) Os índios Kaingangs notabilizaram-se por seus princípios arraigados na determinação e bravura: defendiam seus ideais, mesmo custando vidas !

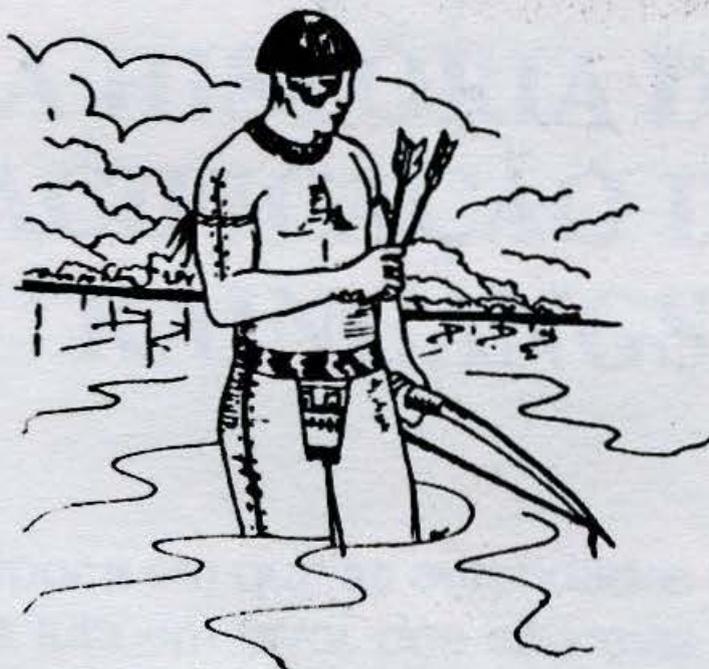


ILUSTRAÇÃO: Marcos Evangelista

Outrossim, é salutar, antes de adentrarmos na narrativa dos fatos, explicitar que existem Kaingangs Paulistas e Kaingangs Sulinos. Os Paulistas (de Tupã e Braúna) são oriundos do Sul; faccionaram-se ao longo dos anos. Os indicadores atestam tal afirmação, pois falam semelhantemente o dialeto e se identificam nos costumes extintos.

Além do exposto, os Kaingangs Paulistas são em número reduzido, comparado aos Sulinos.

A HISTÓRIA DA PACIFICAÇÃO DOS KAINGANGS

Em 1910 - época em que as autoridades governamentais intensificaram a luta em favor dos silvícolas - várias nações indígenas de nosso Estado se debatiam em dificuldades: O seio florestal era pequeno ante o primitivismo.

Encurralados pelo avanço progressista, os aborígenes deparavam, inevitavelmente, com os civilizados, contraindo doenças e desabrochando conflitos.

Em Campos Novos do Paranapanema, os índios Otis pactuavam com a fragilidade, e toda a Nação foi dizimada ! E, entre o curso inferior do Tietê, o vale do Rio Feio, atingindo o Rio do Peixe, estendendo-se até o Paranapanema, os Kaingangs marcavam suas presenças, "opondo-se ao desenvolvimento" e resistindo às pressões, que os levavam ao extermínio.

A GUERRA DE HÁ MUITO

Acredita-se que o recontro entre Kaingangs e civilizados irrompeu timidamente, em 1880, com o surgimento dos primeiros plantadores de café no Planalto Ocidental, compreendendo as Regiões de Araçatuba, Presidente Prudente, Marília, Tupã e outras.

A situação agravante desencadeou-se no limiar deste século, com o reconhecimento do Rio Feio, promovido pela Comissão Geográfica e Geológica do Estado e com a construção da Via Férrea Noroeste do Brasil, que foi edificada à mão armada e com o sacrifício de muitas vidas.

UM "FESTIVAL" DE MORTICÍNIO

Crueldade e insensibilidade. Palavras que brotavam no âmago dos bugreiros, pois costumavam atocaiar os Kaingangs em festa de kiki, espargindo violência e ocasionando chacina.

O livro "ASPECTOS DA ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS KAINGANGS PAULISTAS", de autoria de Delvair Montagner Melati, relata algumas atrocidades: "Os bugreiros atiravam as crianças para cima e aparavam com o facão; Batiam suas cabeças contra as árvores, partindo-as. Índias grávidas eram estrebuchadas... Cadáveres amontoados e queimados.

Por fim, colocavam substâncias venenosas nos utensílios de cozinha e nos alimentos ali guardados, para que fosse vitimado no comer algum que porventura sobrevivesse".

A história conta que, num desses ataques, morreram mais de cem índios.

Na desforra, os Kaingangs faziam buscas vulcânicas.

UM PRESENTE CAUSA VÁRIAS MORTES

Os principais órgãos difusores noticiavam esta aterrorizante e tétrica circunstância, mobilizando autoridades e catequizadores.

Dentre vários, Monsenhor Claro Monteiro; um dos mais estimados Padres de São Paulo - benquisto pelas diligências em prol dos episódios sentimentais - foi morto por uma nuvem de flechas atiradas pelos Kaingangs, quando tripulava em águas do Rio Feio, juntamente com Índios Guaranis, num tentame aproximativo.

Presos às suas raízes, os Kaingangs restringiam suas andanças em áreas de arborização primitiva; Distanciavam-se do progresso, exibindo o lado inocente e secular. Consta que um presente deixado na ribanceira pelo Padre Claro "espingarda ou carabina" foi o causador da perseguição letal; ceifando a vida do eclesiástico e de alguns de seus comparsas: os Kaingangs imaginavam que a arma disparava automaticamente, matando a quem se aproximasse, atraído por outros brindes.

A REPERCUSSÃO DESSA CARNIFICINA

O ressoar dessa notícia consternou profundamente a população de São Paulo. E os Kaingangs ficaram sob a mira de degradantes impressões.

O SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS

Com a finalidade básica de "TRANSFORMAR A ADVERSIDADE EM IRMANDADE", o Serviço de Proteção aos Índios abarcou o quadro estarrecedor envolvendo índio/homem branco, emoldurado com laços aventurecos e mortais.

Na floresta ubérrima, que celeremente empobrecia, ante o crescente desmatamento, as extensões dos acontecimentos, acompanhadas por personalidades eminentes, exigiam soluções imediatas.

No cume das tormentas, o Serviço de Proteção aos Índios, criado pelo então Coronel Rondon, em fins de 1910, empregou as providências requeridas.

O PLANO DE RONDON

Candido Mariano da Silva Rondon: sertanista arguto e de tirocínio; Espelhava-se em sua diplomacia, refletindo, eficazmente em seus auxiliares: recrutou alguns Kaingangs civilizados do Estado do Paraná, aptos a traduzir as intenções pacíficas.

Munidos de buzinas e instrumentos primitivos, os intérpretes temperavam os sobressaltos de uma Nação aclimada à monotonia.

AS DIFICULDADES DOS PACIFICADORES

Os Kaingangs efetuavam grandes caminhadas no coração selvático; Faziam incursões estimadas em 250 quilômetros.

Os pacificadores, no afã do encontro ocasional, percorriam o recôndito da floresta, no encalço de rastros. E, a cada vestígio de morada indígena, deixavam brindes e quinquilharias, como: roupas, cobertores, machados, facões e outros, visando à futura conquista amistosa.

Esse nomadismo Kaingang obrigou a coluna expedi-
cionária a transferir o acampamento sucessivas vezes.



ILUSTRAÇÃO: Neimar Franco de Oliveira

UMA GRATA SURPRESA

Ainda no embrião do traçado missionário, a frente pacifi-
cadora teve uma grata surpresa: recebeu a voluntariedade
da Índia Vanuíre, cujo lugar de que precedia, tolhia-se a li-
berdade: fora aprisionada, juntamente com índios-escravos,
numa fazenda, em Campos Novos do Paranapanema, sob a
tutela de um afamado bugreiro que costumava dar devasta-

dores assaltos nas aldeias do Rio do Peixe.

Sulcada de rugas, Vanuíre exibia jovialidade espiritual e iniciativas plausíveis, que foram de vital importância no alcance dos objetivos, intermediando, com seu povo as propostas de paz.

O PRIMEIRO CONTATO COM OS KAINGANGS

Enfrentando a sujeição maléfica da selva brutal, os defensores da paz venceram o tempo, que determinava a hora incerta. Estabelecia-se, então, o primeiro "contato" com os Kaingangs, no lugarejo denominado Ribeirão dos Patos.

De outro lado, os silvícolas, descrentes e revoltos - pois voltava à baila as batidas em duelo frente os foks - mostravam sua valentia peculiar, acionando buzinas; Mugidos e desferindo porretes contra às árvores, significando guerra e extermínio.

A recepção em contraste evidenciou a missão da coluna expedicionária: abrandar cenas na obscuridade.

A PRIMEIRA ALDEIA

Imersos na seriedade atuante, os pacifistas localizaram no princípio de dezembro de 1911, a 20 quilômetros além do Rio Feio, a primeira aldeia Kaingang, a qual pertencia ao grupo chefiado pelo Rekakê Vauhin.

No ensejo, chovia torrencialmente na cobertura vegetal. Na verve, o brilho mágico das gotículas da chuva... que as folhas das árvores equilibrava, foi bruscamente derrubado com o trilhar dos Kaingangs, que, ao perceberem a aproximação dos "invasores", fugiram em desespero, com a errônea dedução de uma cilada mortífera. E, as palavras bené-

volas dos intérpretes - mais uma vez - se adormeceram no tapete de ramagens, e os sonhos continuaram...

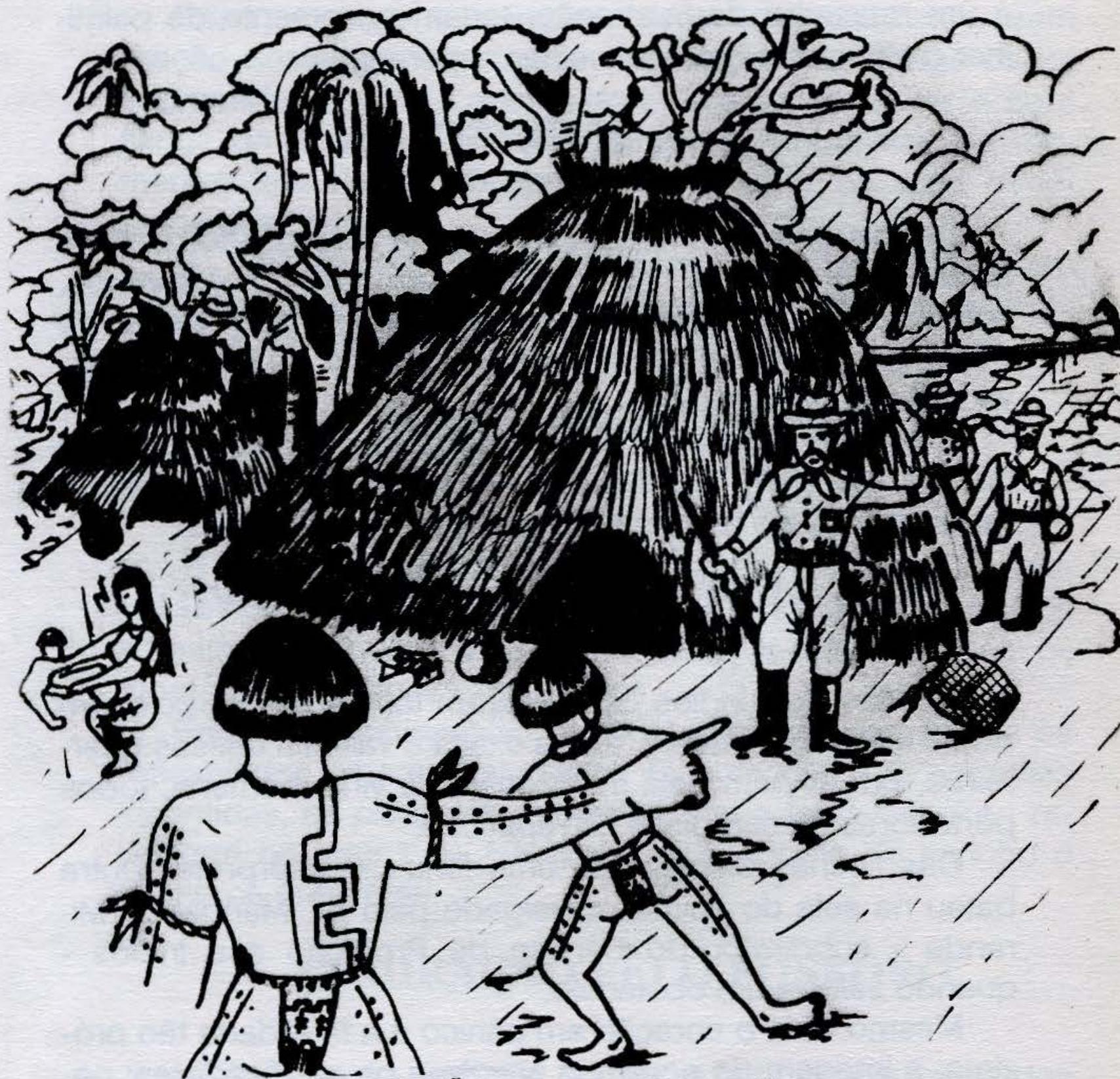


ILUSTRAÇÃO: Marcos Evangelista

O ABANDONO DA ALDEIA

Os Kaingangs voltaram as costas para esta aldeia, não

mais retornando. Pressagiaram ser um alvo fácil, fincado na efervescência de eventualidades cruéis.

Em outro tocante, o triunfo dos pacificadores dava lugar a um rascunho de frustração: teriam novamente de palmilhar distâncias e carregar velhas esperanças.

A EMBOSCADA

Depois de algum tempo, os cultores da paz retornaram à aldeia abandonada. No detalhe, um índio surdo-mudo, achava-se presente, encarnado num vigia e num piscar de olhos, zarpou mata adentro, para transmitir ao Chefe a "nova invasão inimiga".

Com o insubstituível desejo de destruir o "oponente", o instinto Kaingang localizou a coluna expedicionária, disparando contra ela flechas certeiras.

UM OBSTÁCULO SALVA UMA VIDA?

Apenas dois índios consumaram tal ataque, posicionando-se estrategicamente, o que exalta a valentia desses guerreiros, que tinham pela frente mais de vinte homens, todos portadores de carabinas de repetição.

Das flechas disparadas, uma feriu um intérprete; Outra bateu na sela do animal, cavalgado pelo Sr. Manoel de Miranda - subdiretor do Serviço de Proteção aos Índios - quando saltava um obstáculo.

Mesmo com o coração em pânico e a fatalidade tão próxima, a imagem do equilíbrio envolveu os pacificadores: nenhum tiro. Predominava o lema do grande líder Rondon: "MORRER, SE PRECISO FOR, MATAR NUNCA !".

O DIÁLOGO

Nesta ocasião, o clamor simultâneo de paz dos intérpre-

tes rotulou o espírito dos guerreiros, quedando a indignação alvoroçada. Dessa forma, propiciou, pela primeira vez, um longo e pacato diálogo.

Em que pese o comportamento dos pacifistas, sem reação hostil, e a percepção natural dos Kaingangs da ira improcedente, ainda necessitava de algo: restaurar a confiança da tribo. Até porque, achava-se engolfada em momentos lamuriantes; Desprendidos a partir da ação desumana dos bugreiros.

No conseqüente liame fatural, os Kaingangs tributavam aos brancos uma repulsa equivalente ao "Universo", embutido em cada emitente.

O ENCONTRO DA PAZ

No dia 19 de março de 1912, no alto da vereda que interliga o Rio Feio, apresentaram-se no acampamento dos pacificadores 10 guerreiros, inteiramente desarmados, dispostos a hastear a bandeira da paz e travar laços amigáveis com os moradores do Ribeirão dos Patos.

Enfim, descortinava-se o painel nebuloso que cobria os ressabiados olhares Kaingangs. E, num clima de emoções incontidas, os pacifistas - notadamente a Índia Vanuíre - revelaram os traços da felicidade, cobrindo-os de carinho e inúmeros presentes.

ADMIRAÇÃO PELO FÓSFORO

No florir dessa amizade, eclodiu a curiosidade íntima dos Kaingangs: mostraram-se maravilhados com os objetos elementares do cotidiano moderno. E, num amontoado de "novidades", os guerreiros não ocultaram o deslumbramento pelo fósforo. Para eles, transparecia um retrato inacreditável, e de inestimável valor.

Por outro ângulo, viam miragens nas comidas, decorrência de uma triste recordação: as mortes por envenenamento provocadas pelos bugreiros. Por isso, não aceitavam, sem que os expedicionários primeiro provassem.



ILUSTRAÇÃO: Neimar Franco de Oliveira

A POPULAÇÃO KAINGANG

A tribo Kaingang, aproximava-se numericamente a 500 indivíduos em 1912. Entretanto, voltando-se há alguns anos,

tendo como base o citado ano, a população tribal era fixada em 1200.

Não há dúvidas de que uma sucessão epidêmica, em paralelo com macabros acontecimentos, posicionaram muitos índios no refúgio da morte.

Num quadro mais assustador, de 1916, o somatório Kaingang estava inferior a 200, tudo indicando uma extinção tribal acelerada.

OS PRINCIPAIS LÍDERES

Em 1912, os principais líderes Kaingangs, eram: Congue-hul; Cangruí; Rugrê; Charin; Vauhin e Lacri.

Cada líder comandava 83 índios em média.

O TÉRMINO DA PACIFICAÇÃO

O mundo rusguento e receoso dos Kaingangs foi totalmente dilacerado em 1915: dava-se a pacificação do último grupo.

Na busca de um novo habitat, o Serviço de Proteção aos Índios adquire na cidade de Braúna uma área (atual aldeia Icatu), transferindo para a mesma todos os Kaingangs, no princípio de junho de 1916.

A falta de sintonia entre algumas hordas, no entanto, ressuscitou momentos conflitantes. Fato que obrigou o SPI a adquirir outra área. Desta feita, em Tupã, dando o nome de Posto Indígena Vanuíre. Separando, assim, os grupos dissidentes.

NO FINAL FELIZ UMA AUSÊNCIA

Os Funcionários do Serviço de Proteção aos Índios desfizeram a teia que circundava os Kaingangs; porém, no de-

senrolar histórico, aconteceu um caso nefasto: a morte de um pacificador quando se banhava próximo a um milharal; Um Kaingang o alijou com uma flecha sorrateira.

Essa ausência pessoal representou a lembrança saudososa no peito de seus companheiros, em meio ao coroamento dos resultados fecundos.

Valé salientar que, no decurso da arriscadíssima expedição, além de uma circunspeção desnudada de rebeldia, os expedicionários precisaram: construir pontes, efetuar desmatamento, fazer plantações, abrir estradas e sobrepujar as surpresas opostas.

Tudo isso para polarizar e cativar os temidos Kaingangs, que tinham nas veias a devastação operante, injetada pelos tempestuosos bugreiros.

NOTAS

- Embora o último grupo Kaingang tenha sido pacificado em 1915, a missão dos pacificadores praticamente se extinguiu em 19 de março de 1912.

- O Serviço de Proteção aos Índios foi extinto em 1967; em seu lugar foi criada a Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

OS COSTUMES

Em tempos senectos, a visão detalhista acompanhou a vida arredia Kaingang, e, valendo-se de imagens surrealistas, descreveu maneiras e desdobramentos. As historiografias dão aos Kaingangs um ingente bafejo primitivo: os homens viviam inteiramente nus e as mulheres cobriam-se com tangas; peregrinavam da aurora ao crepúsculo, ladeados pelos ramais da natureza.

AS CASAS

As cabanas dos Kaingangs eram erguidas com galhos vergados, sendo o revestimento de folhas de coqueiros entremeado com cipó.

Durante a estação chuvosa, fazia-se na cobertura os de-

vidos reparos, introduzindo novas folhagens, eliminando as possíveis goteiras.

O NASCIMENTO

Quando as mulheres pressentiam que iam dar a luz, escondiam-se no mato, num local povoado de ausências; porém, tão logo os parentes percebessem os vagidos pueril, dirigiam-se, instintivamente, para a localidade. Ali, a criança recebia o primeiro nome.

A educação formal começava bem cedo. Aos sete anos, a criança recebia um sobrenome. E, se fosse menino, a mãe esfregava-lhe pelo corpo certa planta, derramando-lhe água pela cabeça, com a finalidade de que o guri obtivesse valentia e disposição para o trabalho. Nessa idade, iniciava-se a aprendizagem do manejo do guarantan e o treino pericial com o arco e a flecha para as futuras caçadas.

Na fase pubertária, se o adolescente mostrasse responsabilidade e capacidade de sustentar a si próprio, já lhe era permitido casar.

O CASAMENTO

O enlace matrimonial Kaingang respeitava normas complicadas. As famílias se dividiam em dois grupos, cada qual com vários subgrupos.

Incluía-se o indivíduo nos respectivos grupos e subgrupos nos primeiros anos de existência, de acordo com o gênio temperamental. Com esse vínculo, só era permitido o casamento com figurantes de grupos opostos.

Proibia-se, também, de forma absoluta, união entre parentes consanguíneos, ou seja, pais e filhas, irmãos e irmãs, tios e sobrinhas e, finalmente, primos com primas.

Nos casos de incesto e desobediência dos princípios, punia-se os culpados com a pena de morte.

Os homens vulgares se detinham na monogamia e os mais empreendedores, entretanto, preferiam a poligamia.

Em cada família, o filho mais velho tinha que tutelar uma das irmãs, inclusive, com provimentos. E, como regra, o rapaz não podia contrair matrimônio antes da moça.

As mulheres normalmente casavam em idade tenra: 13 anos.

A MORTE

O desaparecimento de um membro do grupo provocava manifestações de extremo pesar. E, num lamento amargurado, os Kaingangs, com as cabeças envolvidas em longos "panos", entregavam-se a um choro sem fim.

O falecido era enterrado sentado, numa vala forrada com folhas de palmeiras, juntamente com todos os seus pertences.

Na boca da sepultura, construía-se um tampão de madeira, amontoando sobre o mesmo terras em alturas notáveis.

A saudade pungente fazia com que a viúva se retirasse para um local ermo, onde permanecia por muitos dias em completo isolamento, com a conjetura de que seu olhar nesse período fosse maléfico e até mortífero.

A inclusão dos pertences do morto na sepultura justificava-se pela necessidade que o mesmo continuava a ter. Os Kaingangs acreditavam numa vida misteriosa no interior do jazigo.

A COLETA

Os nativistas indígenas - profundos conhecedores dos vegetais que os cercam - contemplam a intrepidez da selva com inquietantes coletas.

Nas atividades coletoras, a floresta oferecia aos Kain-

gangs uma multiplicidade de frutos silvestres e espécies comestíveis.

Além do que, paparicavam: palmitos, tubérculos e alimentos exóticos, notadamente as larvas que se desenvolviam nos troncos dos arbustos em decomposição.



ILUSTRAÇÃO: Vilson Siveri

O SOBRENATURAL

Algumas mulheres da tribo Kaingang - durante o sono - tinham a fortaleza de se lançar ao futuro e ver com clareza os próximos acontecimentos, bastando, para isso, ingerir um pó finíssimo que se obtinha triturando folhas de certo vegetal; contudo, essas mulheres não tinham poderio de afastar os possíveis maus-presságios.

A pintura corporal - que a primeira vista imagina-se a vaidades pessoais - para os Kaingangs, significava proteção contra os maus espíritos, os quais nominavam de veincuprim; acreditavam que, com os traços pictóricos, a pessoa se tornava invisível ao espírito.

Na acepção da palavra, os Kaingangs tinham um medo imensurável da alma das pessoas falecidas, a tal ponto de não mencionar nominalmente os entes mortos.

A CHEFIA

A autoridade em cada grupo residia num chefe denominado Rekakê, cuja sucessão dava-se por via hereditária (pai para filho), desde que o herdeiro possuísse dotes essenciais: ser valente e de espírito ativo, para se fazer respeitar pelos demais guerreiros; todavia, essa autoridade só era vivaz nos grandes acontecimentos e nas situações embaraçosas.

MEIOS CURATIVOS

Entre os Kaingangs não se encontravam médicos, feiticeiros ou alguém que representasse o papel do pajé. Os doentes eram assistidos pelos parentes mais próximos; Utilizavam plantas curativas e se valiam de crendices indígenas.

Dor de cabeça, exemplificando, o tratamento consistia em sangrias na testa com filetes de vidros ou pedras pontiagudas.

Para baixar febre, os Kaingangs pilavam sementes de abóboras e melancias juntas, e, em forma de chá, ingeriam aos goles.

As feridas eram extirpadas com pedras incandescentes e depois acobertadas com pasta de vegetais cicatrizantes.

No tratamento de sarampo, cozinhavam palmito. Em seguida, passavam a massa por todo o corpo, repetindo-se a aplicação durante três dias.

A CAÇA

Nas caçadas, os Kaingangs empregavam armas (arco e flechas) proporcionais a que se destinavam; ou seja: pequenas para os pássaros e grandes para os animais de porte maior.

Dentre a abundância faunal, a carne da anta representava o alimento preferencial, não só pelo rendimento (pois uma anta chega a pesar 200 quilos), como, também, pelo excelente paladar.

Em segundo lugar colocavam a carne de macaco. Nesta caçada, normalmente os Kaingangs iam em turma, e, quando descobriam um bando, faziam uma algazarra diabólica por baixo das árvores. Com isso, os macacos ficavam entretidos, facilitando os tiros fulmíneos.

Recorriam a engenhosas armadilhas de quando em vez. Entretanto, é digno de destaque a "pesca de pássaros". Os Kaingangs erguiam uma tapagem de folhas e, escondidos de um lado, empunhavam uma vara; amarrada a sua extremidade, um cordel, acompanhado de um laço. Na sequência, pescavam: pombas, periquitos e maitacas, conforme o chamariz e a isca alimentar.

O manejo desse laço - que tinha que passar a laçada pela cabeça do pássaro, depois erguendo a vara, segurava-o pelo pescoço - exigia muita espera e delicadeza de movimentos.

Alguns animais os Kaingangs não comiam, cito: a onça. Sentiam repugnância em comer essa carne, por ser ela muitas vezes formada à custa de algum índio.

Surpreendentemente, não comiam, também, a carne dos cervídeos (veados), simplesmente não gostavam.



ILUSTRAÇÃO: Alessandra Velini de Andrade

A AGRICULTURA

A agricultura primitiva Kaingang ou agricultura de subsistência, limitava-se ao cultivo de abóboras, fava e milho em variedades (roxo, branco e grená).

No desconhecimento de instrumentos metálicos, utilizavam machados de pedras para a derrubada do arvoredo, possibilitando a formação dos roçados. As árvores mais densas eram tombadas, fazendo-se fogueiras ao redor das mesmas.

A disciplina agrícola tinha por base as estações do ano.

AS VIAGENS

Os Kaingangs tinham grande mobilidade. Nas viagens, não pernoitavam sem antes construírem abrigos, erguidos com exiguidade de tempo.

Normalmente, conservavam-se agrupados, porém, quando um índio se atrevia a peregrinar sozinho, o que de raro em raro acontecia, passava a noite no alto de um coqueiro, cujas folhas eram entrelaçadas e o solitário dormia sobre o entrelaçamento com toda segurança e tranquilidade.

A opção pelos coqueiros significava a certeza de não serem surpreendidos e devorados pelas onças.

PREPAROS KAINGANGS

No complemento alimentar, os Kaingangs faziam uma variedade de iguarias.

IAMIM: uma espécie de pão assado nas cinzas envolto à folhas de bananeira. Obtinha-se a farinha através do milho pilado.

PENFURO: um quitute símile com o curau, originário do milho torrado e socado, o qual era levado ao fogo com um pouco de água permanecendo durante cinco minutos.

AS CARNES: os Kaingangs só se alimentavam de carnes muito bem cozidas ou assadas: abriam uma cova e enchiam de lenha. Depois, ateavam fogo. Quando restava somente as cinzas, efetuavam a abertura dos resíduos cáusticos, colocando a carne acoplada em folhas verdes, cobrindo tudo com uma espessa camada de terra. A cocção durava quase um dia.

OUTRA PRÁTICA: armava-se um tipo de estaleiro verde: dois paus forquilhados sob travessas em alturas convenientes, para que a carne recebesse o calor sem queimar.

O FOGO

Os Kaingangs só conheciam um meio de fazer fogo antes da pacificação: era rolando, entre a palma das mãos, uma vareta de madeira seca, apoiada horizontalmente por um pedaço de cacho de côco. Sobre este, fazia-se um orifício e, com o movimento oscilatório, desprendia na parte friccionada um pó finíssimo, que, depois de muitas horas, inflamava, surgindo o fogo, mas às vezes a tentativa era malograda.

A FESTA DO KIKI

A celebração de vulto dos Kaingangs chamava-se A FESTA DO KIKI. Tal festa constava de uma monumental fogueira, onde homens e mulheres dançavam ao redor, com os corpos salpicados de pintas, e as sobrancelhas raspadas.

Na "circunferência ardente", os guerreiros empunham

seus arcos e todos se regozijavam com os "comes e bebes".

Durante a beberagem, muitos homens se embriagavam. Bem assim as mulheres; porém, a estas cabia um castigo: tinham as pernas amarradas com cipó imbé, cuja peia permanecia até sarar a bebedeira. Enquanto isso, ficavam rolando pelo chão.

A tradicional festa do kiki durava em média quatro dias e se tratava de uma reverência aos mortos; tudo começava com a ida dos homens e rapazes, já declarados maiores, ao cemitério da Aldeia, para refazerem o cômodo sepulcral. Nesse ritual, não podia figurar mulher, nem menores.

O KIKI

Bebida previamente fervida e fermentada de 10 a 15 dias, com teor alcoólico, resultante da adição de água, flor de coqueiro e mel de abelhas.

A ARTE

Os Kaingangs mostravam muito senso artístico e aplicação nos trabalhos.

Confeccionavam, por exemplo, pinças de madeira para apanhar as broas e os grãos de milho junto as brasas; Balaios de vários feitios e tamanhos, tecidos com taquarina; Pilões, abertos a fogo lento; "panos", artisticamente trabalhados com folhas fibrosas, estampados com desenhos, nas cores vermelho e negro. Ademais, eram exímios ceramistas. Com o barro, fabricavam uma variação de objetos utilitários: os cocron - que serviam de panelas - chegavam a ter capacidade de 25 litros.

Ainda sobre a arte Kaingang, merece referência os cola-

res, feitos com sementes de vegetais ou com presas e unhas de animais.



ILUSTRAÇÃO: Marcos Evangelista

AS BRIGAS

Os Kaingangs eram dotados de muita coragem. Nas brigas intratribais, os guerreiros eram sempre de grupos dife-

rentes; Utilizavam enormes cajados de madeira (guarantan) e se valiam, inicialmente de insultos, gritos, pancadas no chão e nos arbustos, intencionando incentivar a própria coragem e atemorizar o antagonista.

No apogeu da exaltação, começavam as refregas. O saldo eram corpos estropiados e intumescidos.

Nos casos mais renhidos, a morte era inevitável. No entanto, a amizade era reatada rapidamente, em quaisquer desfecho consequente.

Por outro lado, os Kaingangs não matavam as mulheres e as crianças de seus inimigos. Levavam-nas para a Aldeia, onde recebiam o mesmo tratamento que os entes queridos. Quando atacavam o desafeto, faziam cair sobre os assaltados uma nuvem de flechas, no maior do imprevisto. Ato contínuo, desencadeavam no seio da floresta uma gritaria preocupante. As vítimas, apavoradas, perdiam o poder racional, esquecendo-se das armas que tinham. Assim, os sobreviventes batiam em retirada.

O efeito era moral. Dava-se a impressão de centenas de índios, mas às vezes, o número era reduzido.

ATITUDES ELOGIÁVEIS

Enquanto o homem branco "estraçalhava" o mundo, com avareza e egoísmo, os Kaingangs, na floresta "intocável", cultivavam o altruísmo, com pundonor e amor próprio: não comiam da caça conseguida com as próprias mãos. O mesmo ocorrendo com as frutas: um índio de posse de um comestível, entregava-o, ao primeiro companheiro que encontrasse. Igualmente, verificava-se com as outras coisas, redundando num invencível encanto às demais castas.

A PESCA

A estratégia de pesca empregada pelos Kaingangs ver-

tiam-lhes a reputação de péssimos pescadores: esvaziavam os lacustres formados no período invernal, interligados por uma transparente camada de água correntosa. Após o que, flechavam os peixes e enchiam os cofos; afinal, a carne aquática era largamente consumida.

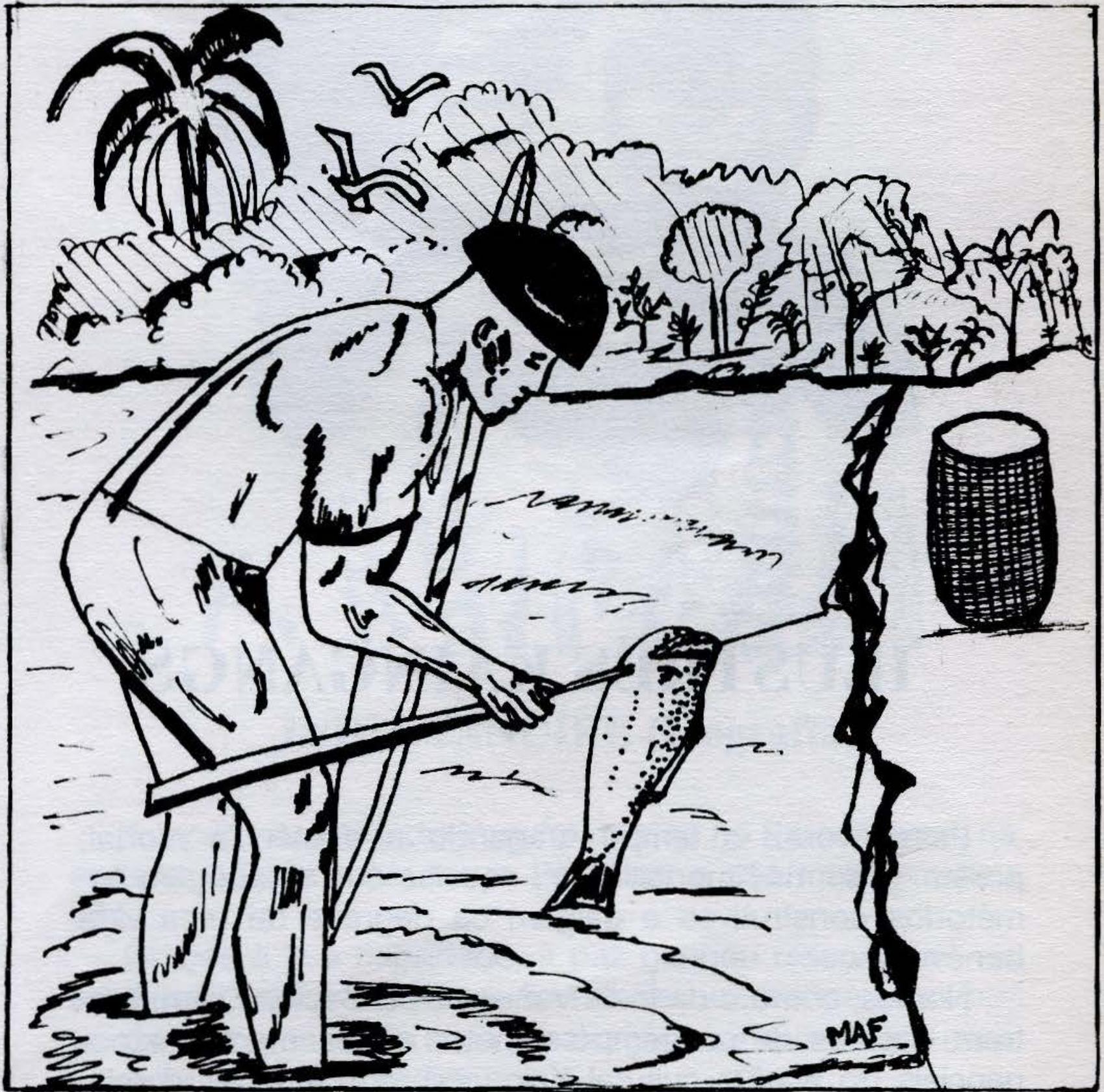
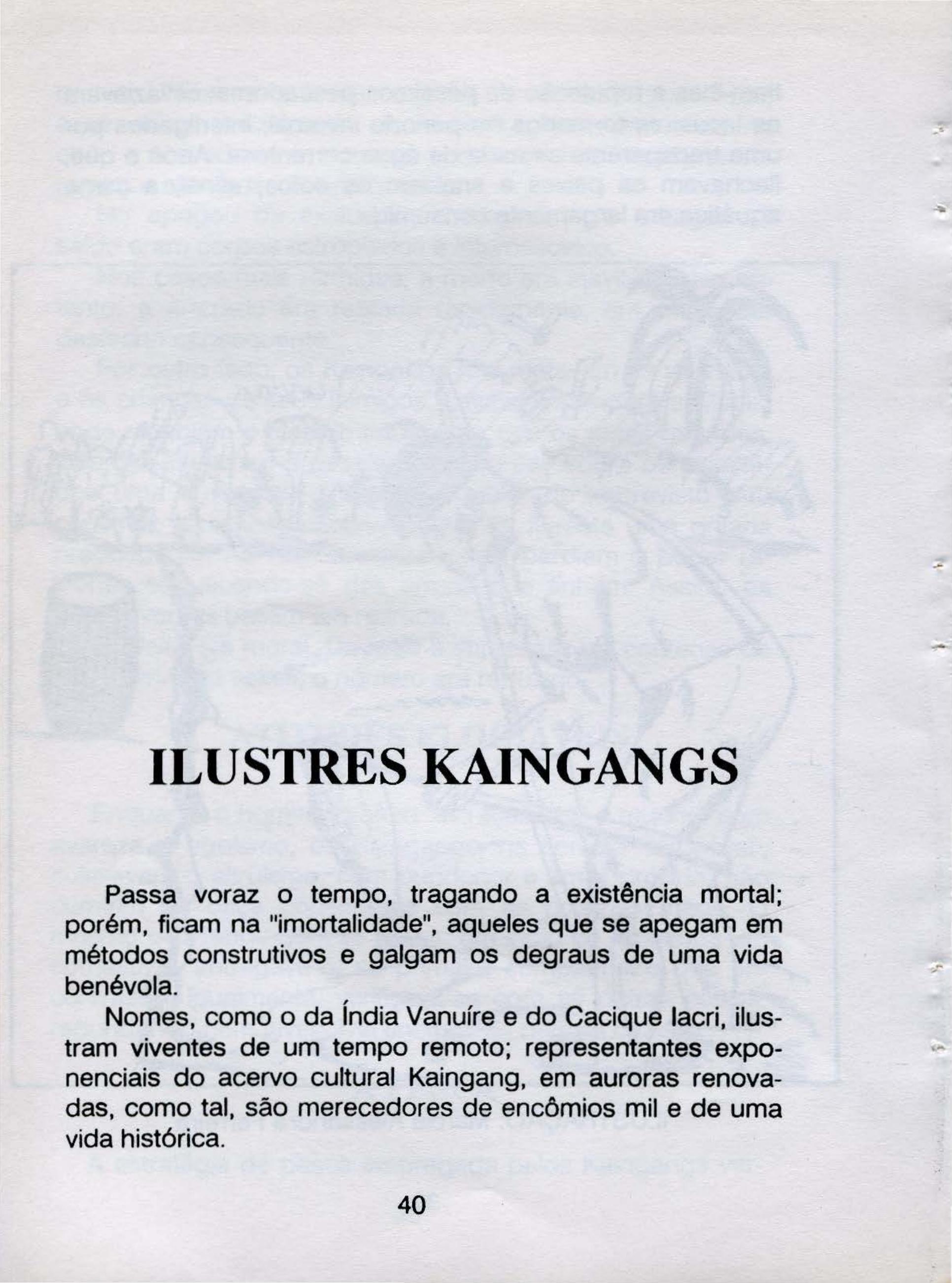


ILUSTRAÇÃO: Márcia Alessandra Ferreira



ILUSTRES KAINGANGS

Passa voraz o tempo, tragando a existência mortal; porém, ficam na "imortalidade", aqueles que se apegam em métodos construtivos e galgam os degraus de uma vida benévola.

Nomes, como o da Índia Vanuíre e do Cacique Iacri, ilustram viventes de um tempo remoto; representantes exponenciais do acervo cultural Kaingang, em auras renovadas, como tal, são merecedores de encômios mil e de uma vida histórica.



ÍNDIA VANUÍRE (biografia)

A incomparável Índia Vanuíre nasceu no Paraná, mas, na puberdade, pisou em terras Paulistas, e não mais "arredou pé".

Graças à sua habilidade, a paz ganhou ressonância no amargor das circunstâncias florestais: convenceu seu povo de que a amizade seria a salvação, conquanto algumas vidas fossem sacrificadas.

Vanuíre era uma mulher perspicaz e, com uma vitalidade invulgar, ensinou os selvagens a degustar nossos alimentos,

bem como, familiarizar-se com os costumes da modernidade.

Com o correr dos anos, a pobre velhinha ficou inerte. Todavia, significativas e merecedoras homenagens lhe foram prestadas: seu nome ecoa nos quatro cantos de nosso Município, para a jactância dos Tupãenses.

Foi no ano de 1918 que Vanuíre conheceu a morte, e se encontrava na Aldeia Icatu (Braúna), com aproximadamente 90 anos, sucumbida pela febre amarela.

Seus despojos mortais acham-se sob uma lápide marmórea, na frontaria de um vergel escolar (Colégio Índia Vanuíre), que, por distinção, é um dos mais conceituados de Tupã.

Indubitavelmente, esta senil figura humana deixou uma vida exemplar, esculpida no memorial varonil. E, no embarque anímico, só lhe restava cumprir a obrigatoriedade de repousar no Reino Divino, deixando na Terra recordações longevas.

DEPOIMENTO - NEREO NAVE

"No dia 23 de setembro de 1967, fui incumbido de uma emocionante missão: ir à cidade de Braúna; Mais precisamente, na Reserva Indígena Icatu, buscar os restos mortais da Índia Vanuíre.

Locomovi-me, dirigindo um caminhão do Serviço de Proteção aos Índios, tendo como companhia o índio Nilo.

Na estrada, entre paisagens "passantes" e diálogos internos, o silêncio imperava: Vanuíre se aproximava cada vez mais.

...Pensamentos saudosos... Olhares tristes... exumava-se alguém que se "imortalizou" por sua dedicação e grandiosidade: VANUÍRE, A PACIFICADORA."



CACIQUE LACRI (biografia)

Cacique Lacri ou lacri (como ficou celebrenemente conhecido), foi um homem destemido; Rígido e um tanto "cri-cri". Conclusão dos índios. Porém, o homem branco apresenta opinião distinta; Cacique lacri era um ser sentimental; de bom relacionamento e muito serviçal: empregava-se no desmatamento, auxiliando os sitiantes da redondeza. Entretanto, foi um dos mais aguerridos na época da pacificação: não queria dividir o território com o homem branco.

Na juventude, de porte altivo e elegante, usufruia das prerrogativas dos caciques: casou-se, e aderiu à poligamia, após o abraço das emoções flamantes.

Nos anelos das caçadas, Iacri fulminava a caça predileta: os macacos. De exímia pontaria, circulava assiduamente com arco e flecha no ombro. Tinha até os dedos calejados, dado a rispidez da arma.

Apesar de civilizado e de estar em permanente contato com o homem branco, o "velho guerreiro" fluía com muito enleio o idioma português.

Cacique Iacri nasceu em Córrego Branco (Herculândia) e despediu-se da vida, em Tupã (na Aldeia Vanuíre), no ano de 1945, vítima de maleita, com a idade aproximada de 72 anos.

DEPOIMENTO - JOÃO SOLER TORRES

"No ano de 1945, cujo mês minha memória hesita lembrar, eu estava a caminho da roça, nas cercanias da Aldeia Vanuíre. Era época da colheita do arroz.

No trajeto, vi, à distância, alguém sentado à beira do barranco. Segundos depois, identifiquei tal pessoa: era Cacique Iacri. Estava chorando cabisbaixo, em estado misericordioso. Tinha na cabeça um chapéu de palha em ruínas e nos pés, um tênis branco, já roto.

Ao vê-lo, com os olhos lacrimejantes, certifiquei-me do ocorrido. Só então soube que sua esposa havia falecido. Inconsolado, desabafou: "Também quero morrer !"

Disse ainda, que se encontrava a dois dias sem comer e que o seu destino era a casa do Pedro Fernandes. Mas, diante da fraqueza, a emoção surgiu mais forte e não deu para continuar.

Pobre Iacri ! Passei às suas mãos um lanche (pão com carne), que de costume eu levava para a roça. Ato contínuo, segui adiante, olhando para trás, observando à cena que fazia parte de um destino cruel. No entanto, não imaginava

que estava vendo-o pela última vez. Dias depois, soube que partira para a eternidade...

Inegavelmente, Cacique Iacri deixou uma profunda lembrança no coração de quem o conheceu."

NA ALDEIA VANUÍRE

Em 1917, ergueu-se o Posto Indígena Vanuíre. Na era, coqueiros mortos sustentavam uma estorricada cobertura de sapé, plasmando o Aldeamento, sem rodeios magníficos.

Na virgínea morada, cerca de 15 barracos acolhiam um contingente oscilante, entre 85 e 100 índios.

No ambiente tribal, os costumes diferiam em exorbitância. A bem da verdade, foram épocas de experimentos: os Kaingangs tinham na mente a visão do passado; Muitos continuavam peregrinos.

No cumprimento de um ideal, funcionários do Serviço de Proteção aos Índios atuavam e tinham como escopo promover o desenvolvimento e o bem-estar indigenista.

A alimentação era preparada pelos orientadores num

grande abarracamento e servida no referido local, com a presença da tribo; não obstante, continuava em profusão a praticidade da caça e da pesca. Ademais, os arbustos vicejantes frutificavam frente as retinas e ao alcance dos índios.

Das perspectivas emergentes, ligadas a iniciativas agrícolas, plantavam em pequena escala: fava e milho. As vitualhas imprescindíveis eram supridas pelo SPI. Na privação de algo, deslocava-se a Juliápolis (hoje Juliânia), distante 20 quilômetros da Aldeia, cujo percurso os Kaingangs realizavam a pé, em pleno sertão charro, ora se dirigindo a Santana (atual Herculândia).

Foram períodos difíceis: trocava-se a passagem primitiva pela passagem contemporânea, nas longínquas viagens do tempo.

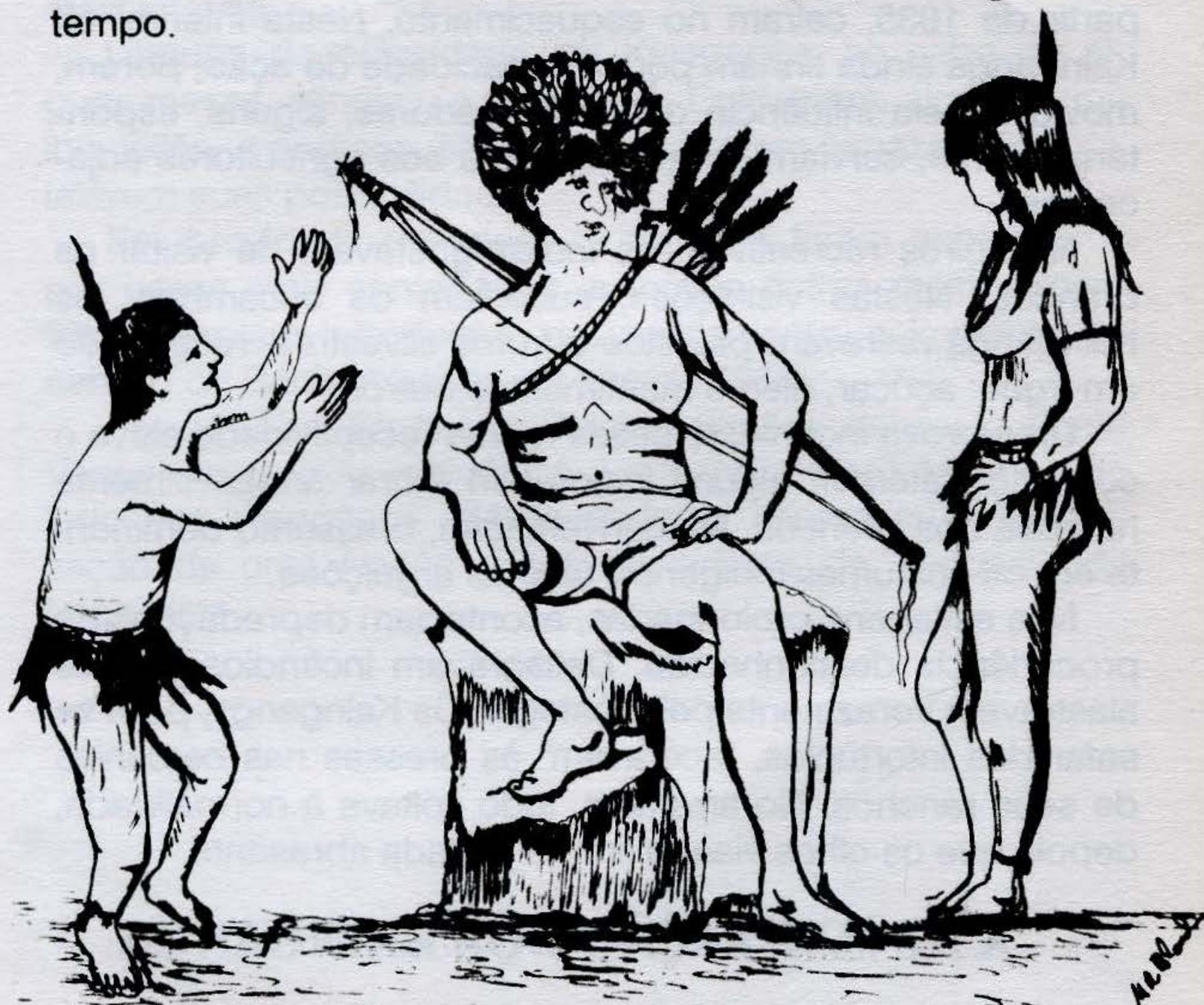


ILUSTRAÇÃO: Antônio Carlos Pires de Almeida

A INFLUÊNCIA DE TUPÃ

Após a fundação de Tupã - 12 de outubro de 1929 - os Kaingangs viram seu território rapidamente devastado pelos pioneiros.

No emprego da dendroclastia, revelou-se a nitidez do sol, sob o prisma do desaparecimento das sombras seculares, na percepção frugal da fauna que se achava no estertor.

Com a infiltração dos brancos por todos os quadrantes, a vida comunitária indígena foi radicalmente modificada. As famosas festas de kiki - que eram vivamente formalizadas - a partir de 1935, caíram no esquecimento. Neste ínterim, os Kaingangs ainda tinham pouca capacidade de ação, porém, movidos pela influência dos colonizadores, alguns, espontaneamente, serviam de mão-de-obra aos agricultores adjacentes.

Nos giros recreativos, os índios gostavam de visitar os brancos. Nestas visitas, sucediam os escambos: os Kaingangs retiravam palmitos e frutos silvestres, recebendo em troca: açúcar, óleo e mantimentos outros.

Uma prova incontestável dessa mútua receptividade eleva o conceito fraternal: alguns índios iam morar amigavelmente na casa dos brancos. Na conversação, o assunto dominante era os costumes indígenas, face às arguições.

Nas estiagens prolongadas, aconteciam depredações de procedência desconhecida; Deflagravam incêndios que se alastravam vorazmente pelo matagal. Os Kaingangs, para se safar dos infortúnios, "aceravam" às pressas nas cercanias de seus ranchos. No arremate, tudo voltava à normalidade, depois que os olhos viam o fim da jornada abrasante.

A DINAMIZAÇÃO DOS KAINGANGS

Em 1948, responsabilizava-se pelo Posto Indígena Vanuí-

re o Sr. Itamar Zuicker Simões: homem de espírito prático, que, na luta interminável por ideais sublimes, viu na Aldeia Vanuíre a penúria generalizada.

Os Kaingangs - na sua maioria - dormiam no chão, sobre acolchoados de estopas, com a falsa felicidade.

Suas vestes ostentavam as marcas que o tempo impregna sob a comodidade visual.

Nas choupanas, bancos, potes, fardos e objetos ínfimos, constituíam a "riqueza familiar". Essa cômoda situação, no entanto, lançou fagulhas na reflexão edificante: com o amparo do governo, o Sr. Itamar adquiriu um trator, e em meio a terras férteis, fomentou o trabalho, assim como uma vida mais intensa.

Libertos da ociosidade, os Kaingangs, ao cabo de alguns meses, atingiam a policultura. Cultivavam, algodão, milho, feijão, mandioca, etc. No mais, já eram capazes de aquilatar suas possibilidades.

Em brevidade de anos, os ranchos foram substituídos por casas mais confortáveis, e muitos outros melhoramentos ganharam introdução, destacadamente, o implante do serviço de Rádio Amador, no ano de 1955.

Em 1964, o Sr. Itamar Zuicker Simões deixou o Posto Vanuíre para fixar residência em Tupã. Foram 16 anos ao lado dos Kaingangs. Nesse período, aconteceu a dinamização de uma Nação que tinha indícios de incapacidade trabalhista.

ATUALIDADES

Modificados pela evolução dos tempos, os Kaingangs desenvolvem hoje a etiqueta urbana, conseqüentemente, somente os traços característicos dão-lhes a assertiva indígena: suas casas, suas roupas e a própria alimentação, não lembra nada de índio.

O idioma corrente é o português, embora os mais velhos conheçam o kaingang ao pé da letra.

O POSTO INDÍGENA VANUÍRE

(localização geográfica)

O Posto Indígena Vanuíre localiza-se no Bairro Ponte Alta, município de Tupã-SP, na região oeste do Estado de São Paulo.

A Reserva Indígena é conhecida em seu município como "Aldeia dos Índios" e, está distante 24 quilômetros de Tupã; onze do distrito de Arco-Íris e vinte do Rio Aguapey (mais conhecido como Rio Feio).

Banhado pelo Rio Jacri e pelos Córregos Pirã e Koiós, o Posto se esconde em deslumbrantes paisagens.

A malha viária "corta" a área indígena três vezes. O tráfego é relativamente tranquilo. As dificuldades ocorrem na época das chuvas, além das crateras, por vezes, as pontes, que demandam a Região "rodam".

Cumprе frisar, que no itinerário Tupã-Aldeia, utilizam-se 12 quilômetros da Rodovia Tupã/Arco-Íris, que é totalmente asfaltada.



- Ponte do Córrego Pirã nas proximidades da Aldeia.

O "RETRATO" SINTÉTICO DA ALDEIA VANUÍRE

Nas particularidades da Aldeia Vanuíre conjugam-se chamus fagueiras em cabal harmonia com o desfile vegetal.

O aldeamento apega-se na estrutura de seu povo que se acha entrelaçado no semblante progressista e no viável círculo inovador.

TERRITÓRIO - A dimensão territorial é de 295 alqueires, fragmentado nas múltiplas distinções que o desenvolvimento requer: área escolar; área agricultável; área pastoril e outras.

CONTINGENTE POPULACIONAL - No espaço demarcado avistam-se 145 índios, que, na trivialidade dos dias, acolhem as surpresas que a vida comporta, formando uma população heterogênea. No entanto, predominantemente Kaingang e Krenac, constituindo 33 famílias.

HABITAÇÃO - As vivendas são de três tipos: laje pré-fabricada; alvenaria e madeira. Num total de 28 construções.

ASPECTO VIVENCIAL - É desnecessário dizer que os índios da Reserva Vanuíre integram a sociedade, que simpatizam com os visitantes e se alegram com os eventuais presentes que recebem. No convívio, canalizam uma atmosfera serena, repleta de candura, embora detidos

no viajor da pobreza.

Na identificação individual, Maria Cecília de Campos - sobrinha da Índia Vanuíre - e Canuto Conechu - filho do Cacique Iacri - ligam os fatos nas lembranças do passado distante; Distinguem-se a índia e o índio com idade superior, respectivamente com 92 e 74 anos.

Em sonhos adornados os jovens fixam o vôo altaneiro, e o tempo prognostica um amanhã longe de vigílias açoitantes, muito embora o passado historie conquistas reluzentes.

SISTEMA HIDRÁULICO - Em 1970, foi implantado a Roda D'Água (corrente contínua), automatizada a partir de pistão, inundando, conseqüentemente, a canalização da Aldeia, cuja água deriva-se de um regato das proximidades.

SISTEMA LUMINÁRIA - Os habitantes de Vanuíre usufruem da eletricidade desde 1979, apesar dos objetos elétricos serem escassos, resultando num baixo consumo de energia.

TRANSPORTE - Nos deslocamentos, os índios recebem auxílio permanente dos órgãos governamentais. Costumeiramente, emprega-se o uso de um caminhão cedido pela FUNAI.

COMUNICAÇÃO - A comunicação é precária; Limita-se a rádio-amador, com o qual mantém contato diário com a Regional de Bauru (FUNAI).

QUADRO DEMOGRÁFICO DE VANUÍRE

O quadro censitário de 1992, comprova em Vanuíre a existência de uma população jovem.

Eis as idades aproximativas:

IDADES	SEXO MASCULINO	SEXO FEMININO
90 - 94	0	01
85 - 89	0	0
80 - 84	0	02
75 - 79	0	0
70 - 74	03	0
65 - 69	0	02
60 - 64	01	05
55 - 59	05	0
50 - 54	01	08
45 - 49	0	01
40 - 44	04	0
35 - 39	06	06
30 - 34	07	06
25 - 29	08	03
20 - 24	04	03
15 - 19	04	06
10 - 14	07	15
05 - 09	10	14
00 - 04	07	06
TOTAL	67	78

-TOTAL GERAL: 145 INDIVÍDUOS.

SAÚDE

Os gêneros consumidos em Vanuíre, são provenientes da própria Aldeia, exceto os pescados e os produtos industrializados. Na nutrição infantil, destaca-se o leite. E na adulta, a carne de frango.

A saúde desses habitantes é de alto nível. Todavia, no acometimento de afecções, os índios são atendidos nos hospitais de Tupã. Normalmente, as consultas são agendadas e marcadas para as quartas-feiras, salvo as emergências.

Nos casos corriqueiros, recorre-se à mini-farmácia do Aldeamento, que se acha sob a responsabilidade de um monitor de saúde cujos remédios são fornecidos pela FUNAI.

A taxa de natalidade é de um nascimento a cada três meses. O registro obituário é de um ao ano, na maioria, por velhice.

Os falecidos são enterrados no cemitério da Aldeia, sem campa; Uma cruz em cada sepulcro assinala os vestígios da vida na dor silente. Mais de 40 almas irradiam a saudade.

EDUCAÇÃO

As criaturas angelicais da Reserva Indígena e das circunvizinhanças aprendem as primeiras garatujas na Escola da Aldeia.

O Educandário é composto de um prédio de madeira e outro de tijolos, onde funcionam duas classes. Em anexo, acham-se três banheiros (masculino, feminino e dos professores) e ainda consta de uma cozinha.

O corpo discente é formado por 58 alunos. As aulas são do nível primário, divididas em 1a., 2a., 3a. e 4a. séries.

A jornada é única (no período matutino). É o currículo é o mesmo das Escolas Oficiais do Estado.

O material escolar é fornecido conjuntamente: pelo governo Estadual, pela FUNAI, pelo Município e por campanhas individuais organizadas pelas professoras, que contam sempre com o auxílio das pessoas, visto que os alunos são de famílias carentes.

A merenda escolar, bem como o transporte, cabe à Prefeitura de Tupã.

O corpo docente é integrado por:

Luci Francisca Pituba Peres;

Neuza Keller Valderramas;

Áurea Lúcia Batista dos Santos;

Magda de Baige Prado e

Ângela Maria Montezani.

Na desenvoltura das aulas, os descendentes indígenas tem a mesma capacidade de aprendizagem que os brancos, eliminando o pensamento errôneo de que o Q.I. dos índios é inferior.



- Professoras juntamente com os alunos defronte a Escola.

ENSINO BILINGUE

No passado, os Kaingangs - assim como os demais índios selvagens - não dominavam a linguagem escrita. As crianças aprendiam a língua nativa através da convivência.

Presentemente, estudiosos elaboram vocabulários, dicionários, cartilhas, com o fito de resgatar e preservar a cultura indígena, que foi desarticulada pelos neo-brasileiros. Em Vanuíre, o índio José da Silva Barbosa Campos - neto de Candire - tem essa incumbência: é o professor bilingue (kaingang/português), ministrando aulas para 19 crianças.

O referido professor foi treinado pela Entidade Religiosa "Missão Evangélica do Cristianismo Decidido", com sede localizada no Posto Indígena Rio das Cobras, em Laranjeiras do Sul-PR.

Para os leigos, o dialeto kaingang é deveras complicado. Algumas traduções:

FRUTAS

Maçã	ba-a
Laranja	canen-i
Goiaba	go-a
Caju	ca-ti
Côco	lõ-i
Amora	ba-i
Banana	có
Caqui	ca-i
Abacaxi	len-i
Uva	u-ta

NÚMEROS

Um	pi
Dois	no
Três	jú
Quatro	kar
Cinco	si
Seis	sé
Sete	ti
Oito	vi
Nove	lé
Dez	niv

UMA INICIATIVA QUE "VALE OURO"

A Aldeia é dotada de uma oficina de corte e costura, possuindo sete máquinas (zigue-zague, Brother e Pfalf), o que possibilita a confecção de roupas modernas.

O princípio dessa atividade deu-se em 1982, com o treinamento de 24 índias, sob a regência da professora Assunta Romera Nave.

No momento, por falta de verbas mais polpudas, a oficina se limita a confeccionar roupas de malhas, principalmente infantis, cuja produção é vendida à Aldeia num preço acessível, e também sob encomendas aos interessados visitantes.



- Costureiras na oficina de corte e costura.

RELIGIÃO

Os índios de Vanuíre acreditam na Força Divina e na necessidade do culto religioso.

A religião predominante é a católica. Um Padre - uma vez por mês - celebra a missa no salão escolar da Aldeia, onde participam moradores circunvizinhos, inclusive.

Outra doutrina que une o povo de Vanuíre é a protestante. Em missão doutrinal, deslocam-se à Arco-Íris no dias dominicais

PECUÁRIA

Revolve-se nos prados da Aldeia a vida ruminante com apetite "verde". Trata-se do gado na paisagem da várzea.

De raça múltipla, o rebanho é formado por 113 cabeças, sendo 30 o número de vacas lactantes.

A produção leiteira é de 200 litros diários. Dessa quantia, metade é distribuída à comunidade. A excedente, é comercializada ao laticínio de Tupã.

Nos preceitos Vanuirenses, o gado é proclamado como fonte estrita de subsistência: bimestralmente é abatida uma rês.

Desenvolve-se, ainda, a criação de suínos, tanto quanto a bovina.

AVICULTURA

O povoado da Reserva Vanuíre não foge à regra dos habitantes campestres: emprega-se com desvelo à criação de aves.

O galináceo (galinhas, perus e patos), torna-se a principal origem de abastecimento alimentar. São cerca de 160 galinhas, 8 perus e 8 patos, que vivem a ciscar pelas varandas, no perfil inquieto da presença volátil.

UM DIA ESPECIAL

Os tempos "dourados" dos Kaingangs - quando viviam em perfeito equilíbrio com a natureza - "desbotaram-se" com o veredito imposto pela casta hermética (o homem-branco), na explosão da gana infinda.

Atualmente, contemplam tão somente o dia do índio (19/04), num calendário que foi todo indígena. Nesta data, os índios do Posto Vanuíre saudosos de seus antepassados, resgatam evoluções: adornam-se, e, ao som de tambores e maracás, dançam ritualmente.

Ainda fazendo parte do aludido cerimonial, é costume da Municipalidade homenagear e destinar guloseimas à Nação que, virtuosamente, prima pela equidade, em tempos de disputas.



- Filhos de índios se apresentando com cânticos e danças no Museu Índia Vanuíre, no dia do Índio.

AGRICULTURA

Quando surge o rubor do oriente, os índios da Reserva Vanuíre "catam" a claridade do sol em caminhos sinuosos; Dirigem-se para o labor roceiro logo no aportar da aurora.

Na opulência do torrão, buscam uma agricultura diversificada. Plantam: arroz, feijão, mandioca, milho, amendoim, hortaliças e frutas. O pomológico tem um valor substancial: compila-se aproximadamente 300 árvores frutíferas, em variedades.

Nas áreas ribeirinhas, os indígenas aproveitam o solo pantanoso para o plantio do arroz. A colheita é sempre abundante.

A produção agrícola é realizada em dois sistemas: coletiva e individual. Na coletiva, metade da colheita é aplicada na safra vindoura. A outra, é rateada entre os partícipes do projeto, proporcionalmente aos dias trabalhados.

No preparo das terras, além de tratores, os índios utilizam a força animal. Ao todo são 11 cabeças, entre equinos e asininos; todavia, apenas 6 são adestrados.

NOTA:- Na safra de mandioca de 1992, os índios de Vanuíre colheram 334 toneladas.

MAQUINÁRIO UTILIZADO NA ROÇA	QUANTIDADE
Caminhão	01
Trator	02
Grade	01
Disco reversível	01
Carreta de trator	01
Tombador de trator	01
Pulverizador	02
Chacoalhadeira (amendoim)	01
Carroça de animal	01
Debulhador (milho e feijão)	01
Implementos corriqueiros	Diversos

RESERVA NATURAL

Permanecem incólumes no recanto indígena, 12 alqueires de mata virgem; Último reduto de entrecchos enigmáticos.

Na reserva, encontram-se, ainda, frutos opimos, notadamente, marmelos, pindaívas e ananases.

Enumeram-se, paralelamente, espécies florísticas, como: o ipê, a peroba, o cedro, a aroeira e outras, de somenos importância.

Sob as sombras emaranhadas, tamanduás, quatis, veados, macacos, jaguatiricas e exemplares outros, "assistem à sinfonia" dos pássaros, no círculo belo da natureza.

ENTRETENIMENTO

Na sensação do bem-estar, os indígenas de Vanuíre praticam o futebol com grande ênfase. Possuem uma equipe: Vanuíre Futebol Clube, que se apresenta em vários Bairros do nosso Município, desde sua fundação (1966).

Vale mencionar, que os índios Vanuirenses, são considerados bons de bola. A propósito, sob a manchete: "ÍNDIO TAMBÉM COMPETE, PELO MENOS NO FUTEBOL", o renomado Jornal "A TRIBUNA DE SANTOS", na edição de 10 de outubro de 1987, estampa extensa matéria sobre a Aldeia Vanuíre e faz referências elogiosas à Cidade de Tupã, quando Lourival Barbosa - atual cacique da Aldeia - defendia a equipe Tupãense, na modalidade de futebol de campo, na cidade de Santos, por ocasião dos Jogos Abertos do Interior.

Além do futebol, os índios gostam de quermesses e brincadeiras dançantes. Nesse sentido, dirigem-se regularmente a Arco-Íris.

Já as mulheres tem uma conduta social mais reservada:
são extremamente caseiras.



- Equipe VANUÍRE FUTEBOL CLUBE.

ARTESANATO

Embora o artesanato seja uma atividade diminuta na Aldeia, representado, apenas por algumas famílias Kaingang e Krenac, torna-se o principal resquício cultural.

O grupo Kaingang se sobressai na feitura de tangas, confeccionadas com vegetais produtores de fibras, especialmente a taboa.

A cerâmica - que no passado se compunha de uma infinidade de peças - completa a atividade destes índios.

Já o grupo Krenac extravasa os dotes artísticos em ma-

nufaturados de madeiras, pedras e fasquias de vegetais primitivos, que, depois de lapidados, resultam em arcos, flechas, lanças, tacapes, colares, cortinas, machados, bordunas, maracás, etc.

Não sendo uma atividade de subsistência, os índios da Reserva Vanuíre fazem da arte instantes de lazer e um meio para se obter trocadilhos.

BIOGRAFIAS



MARIA CECÍLIA DE CAMPOS - CANDIRE

Candire nasceu na Região de Tupã, no dia 15 de novembro de 1900, sendo no presente, a pessoa mais idosa da Aldeia.

É viúva do Índio Gavanhe a mais de 50 anos, com quem teve cinco filhos; quatro morreram em plena flor da idade.

Impulsionada por sonhos, em 1940, Candire trabalhou na Cidade do Rio de Janeiro, como empregada doméstica, durante um ano. De retorno, recebeu convite para fixar residência em Corumbá, mas não aceitou, preferindo a tranquilidade da Aldeia.

É uma das poucas que não perdeu a maestria com o barro: de quando em quando, faz uma quantidade de potes

e aguarda pelos compradores.

Pertencente ao clã de uma linhagem nobre, Candire guarda recordações de tempos imemoriais: é sobrinha da inesquecível Índia Vanuíre.



CANUTO CONECHU

Nasceu em Tupã em 15 de janeiro de 1918. É casado

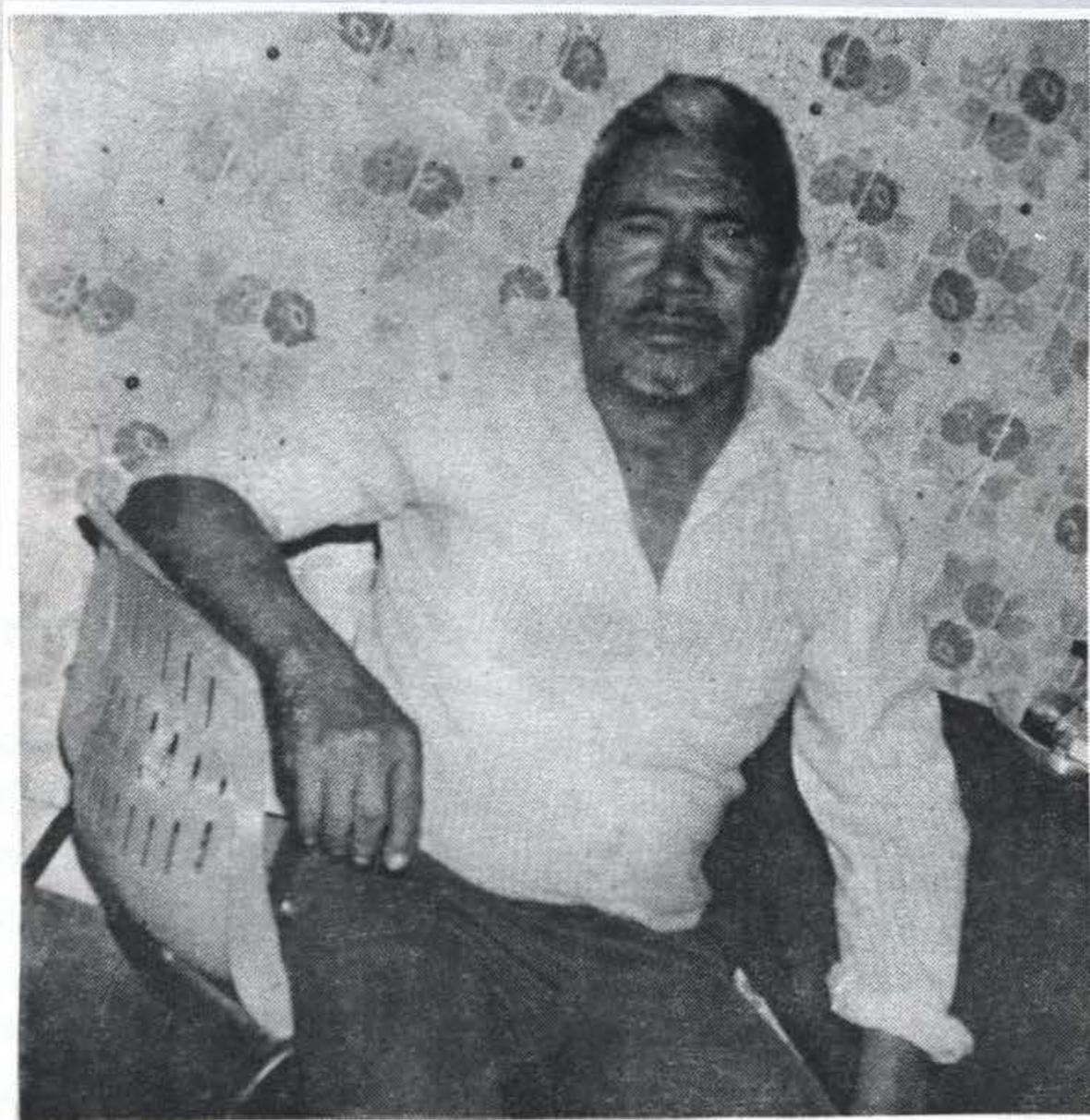
pela segunda vez (1959), com a senhora Helena Gomes Conechu, com quem teve sete filhos.

Canuto sempre morou na Aldeia Vanuíre e no papel de suas responsabilidades medrou o serviço agrícola até que as forças o permitiram. Atualmente, vai à roça somente para levar almoço aos membros familiares.

Adepto à benevolência, Canuto busca a introspecção e acredita que o amor é o sustentáculo da vida.

No tempo ocioso, sua predileção é jogar baralho e assistir aos jogos de futebol. Sua equipe preferida é o Palmeiras.

Seu relacionamento brando e enormemente pacífico, torna-o reticente; contudo, é um dos índios mais queridos da Aldeia. É filho do grande "guerreiro" Iacri.



CACIQUE ANTÔNIO BARBOSA

Cacique Antônio nasceu em Tupã (Aldeia Vanuíre), no dia 2 de fevereiro de 1932 e faleceu em 15 de agosto de 1992, vítima de endêma crâneo-encefálico, deixando a Senhora Antônia de Paula e seis filhos.

Órfão de pai, desde petiz, Cacique Antônio, lutou muito contra o revés financeiro. Ele próprio declarou:

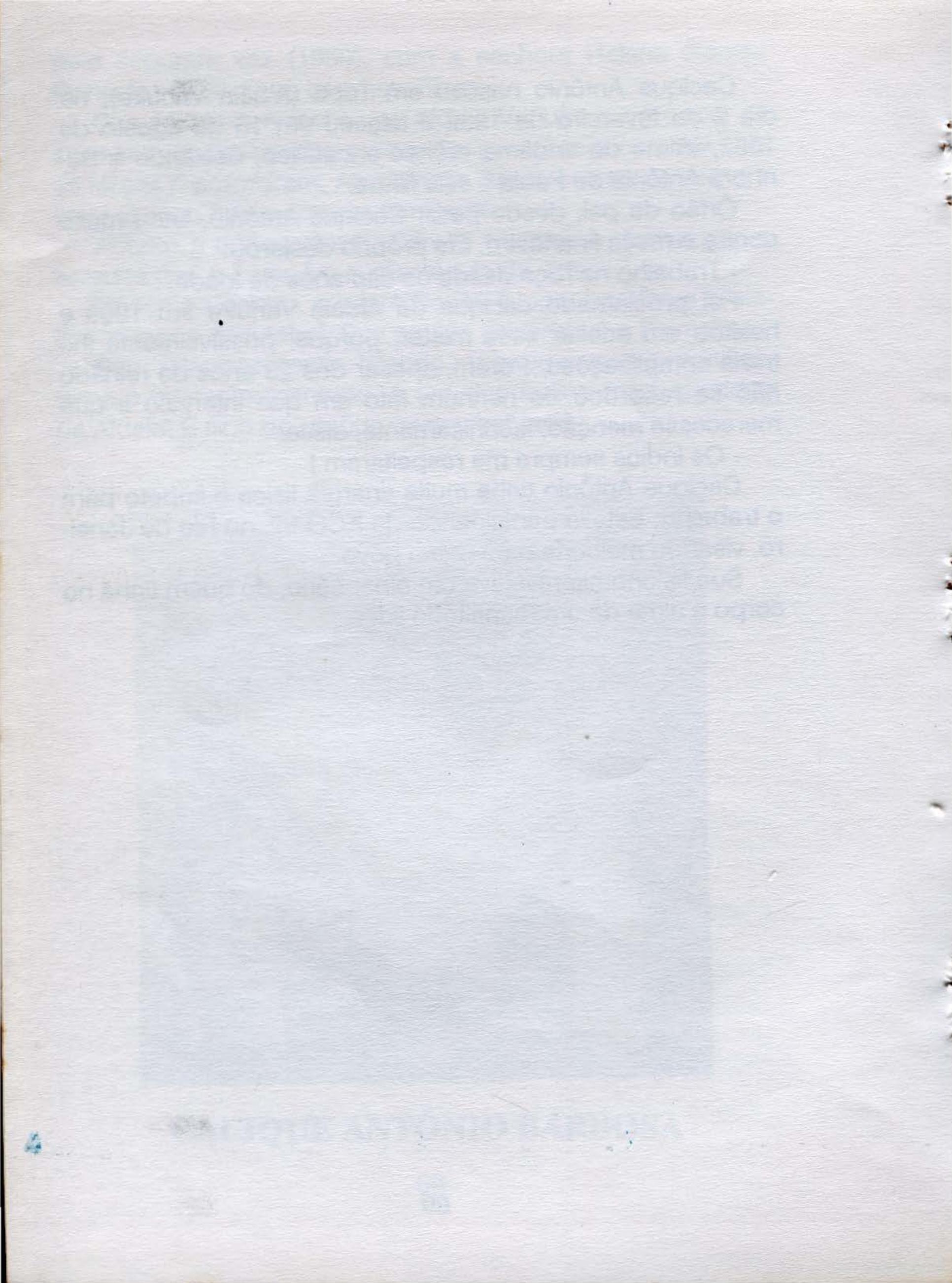
- Trabalho na roça desde os oito anos de idade.

Foi proclamado cacique da Aldeia Vanuíre em 1969 e hesitou em aceitar esse mister, porque, possivelmente lhe traria complicações. Porém, apesar dos 23 anos de reinado não se recordou de nenhum fato em que interveio e que merecesse menção, laconicamente, disse:

- Os índios sempre me respeitaram !

Cacique Antônio tinha muita energia física e ímpeto para o trabalho; Esteve participando da ECO-92, no Rio de Janeiro, visando melhoria para o seu povo.

Sua fisionomia revelava um olhar sério, de quem tinha no corpo a alma de um respeitado líder.



NOTA FINAL

O livro "BRAVOS KAINGANGS", tem o intento de desnudar os flagrantemente de uma tribo exemplar, no passado e no presente.

Entretanto, num confronto entre o prólogo e o epílogo, nota-se uma diferença descomunal; Além de perder a originalidade, a citada tribo, paulatinamente, vai se posicionando na dissolução, ante o forte aliado racial.

Nos dias atuais, a totalidade Kaingang é de 59 índios estremes (42 em Vanuíre e 17 em Icatu).

É bom que se diga, que os índios de Icatu (Braúna), encontram-se socializados, no mesmo grau de desenvolvimento do que os de Vanuíre.

O principal fator que contribui para a depopulação Kaingang é a alta incidência de casamentos interétnicos. Assim, quão triste a dedução lógica: daqui a 100 anos, nossos sucessores, possivelmente dirão, saudosos: "OS KAINGANGS PASSARAM PELA TERRA E NÃO HAVERÁ VOLTA".

Infelizmente, este será o quadro do futuro...

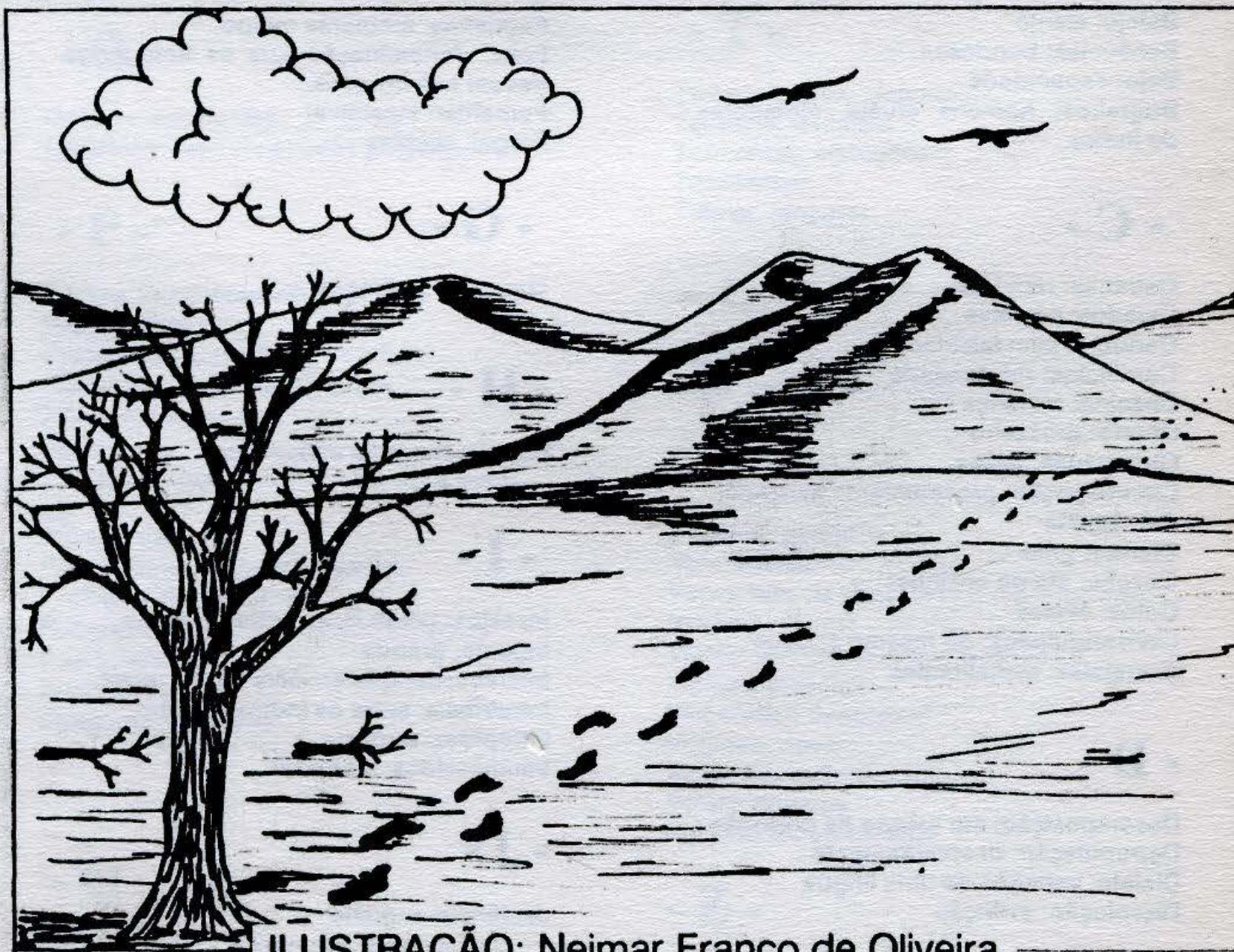


ILUSTRAÇÃO: Neimar Franco de Oliveira

GLOSSÁRIO

- A -

Açoitantes: castigadores
Aborígenes: indígenas
Afã: ânsia
Afecções: doenças
Alijou: tirou do convívio terrestre.
Altruísmo: amor-próprio
Âmago: no íntimo
Anelos: grande desejo
Anímico: referente à alma
Arraigados: estabelecidos
Arredia: afastada
Asininos: burros e jumentos

- B -

Bafejo: alento
Benévolas: bondosas
Bojo: capacidade
Bugreiros: homens cruéis, matadores de índios.

- C -

Cabanas: ranchos
Cajados: porretes
Candura: sem falsidade
Carnificina: mortandade
Chacina: matança
Charro: grosseiro
Choupanas: casas
Circunspeção: procedimento ajuizado.
Clã: família
Clamor: grito
Cocção: ato de cozinhar
Cofos: cestos
Consanguíneos: do mesmo sangue
Correlatas: semelhantes

- D -

Decomposição: em estado de podridão
Depopulação: despovoamento
Dialeto: variação de uma língua
Dissolução: extinção

- E -

Eclesiástico: padre
Eclodiu: surgiu
Encômios: elogios
Engolfada: mergulhada
Enleio: dificuldade
Ensimesmado: de poucas palavras
Epílogo: término
Escambo: troca
Escol: célebre
Escopo: objetivo
Estertor: agonia
Estremes: puros
Exóticos: esquisitos

- F -

Fagueiras: ambiente meigo
Foks: denominação que os Kaingangs davam aos brancos.
Fomentar: incentivar
Frugal: simples

- G -

Garatujas: rabiscos

- H -

Heterogênea: de várias raças

- I -

Incestos: união ilícita entre parentes.
Ingente: grande
Interétnicos: que envolve várias raças.
Intratribais: entre os índios da tribo.
Intrepidez: audácia
Intumescidos: inchados

- J -

Jactância: orgulho

- L -

Lamuriantes: lamentosos
Letal: mortal
Liame: ligação
Longevas: duradouras

- M -

Macabros: lutuosos
Memorial: escrito com pormenor.
Monogamia: casado com uma única mulher
Morticínio: matança

- N -

Nefasto: trágico
Neo-brasileiro: "novo brasileiro" ou imigrante.

- O -

Opimos: excelentes
Opúsculo: livro de poucas páginas.

- P -

Pedras incandescentes: pedras aquecidas nas brasas.
Pergaminhos: refere-se as letras
Pictóricos: referente à pintura.
Pilavam: trituravam
Plasmando: modelando
Poligamia: que tem mais de uma esposa.
Prados: campos
Precipualemente: principalmente
Prólogos: textos iniciais
Puberdade: no início da adolescência
Pueril: infantil
Pundonor: honra
Pungente: doloroso

- Q -

Quinquilharias: objetos de enfeites

- R -

Recontro: conflito
Recrudescer: aumentar
Remoto: longínquo
Renhidos: disputados
Repulsa: ódio
Ribeirão dos Patos: atual Ribeirão dos Índios (Iacri).
Roto: velho
Rotulou: no sentido de acalmar.

- S -

Salutar: conveniente
Selvático: selvagem
Semotas: distantes
Senectos: antigos
Sobrepujar: superar
Sobressaltos: inquietações
Surrealistas: verdadeiras

- T -

Tempestuosos: violentos
Tentame: tentativa
Tormentas: agitações
Tribul:tribal
Tutelar: amparar

- U -

Ubérrima: fértil
Urge: necessidade urgente

- V -

Vagidos: gemidos
Varonil: heróico
Verve: arte de descrever o realismo com traços poéticos.
Vicejantes: que tem muito verde.
Vigílias: insónias
Vilipendiar: desprezar
Virgínea: nova
Vitualhas: mantimentos
Volátil: que voa
Vulcânicas: agressivas

- Z -

Zarpou: fugiu

BIBLIOGRAFIA

- HORTA BARBOSA L. B.

A Pacificação dos Caingangos Paulistas - Conferência realizada no Salão da Biblioteca Nacional, em 19 de novembro de 1913 - SPI.

- MELATI, DELVAIR MONTAGNER

Aspectos da Organização Social dos Kaingangos Paulistas - 1976.

Entrevistados (denominados brancos), que conviveram ou convivem com os índios:

-JOÃO MAURÍCIO COTRIN FILHO (Enfermeiro da Aldeia),

-NEREO NAVE,

-LIDUVINO FERNANDES,

-JOSÉ FERNANDES GAVÉLHA,

-ELITA FERREIRA SIMÕES,

-JOÃO SOLER TORRES,

-ANDRÉ FERNANDES GAVÉLHA,

-GENÉSIO RUIZ,

-JOSÉ MARTINS GONÇALVES,

-ELZO NAVE,

-CRISTINO APARECIDO CABRERA MACHADO (Chefe do Posto Vanuíre).

E, os personagens centrais: OS INDÍGENAS.

grande abastecimento e serviu em muitos locais, com a
presença de almas, não deixando, certamente, em qualquer a
residência da casa e da terra. Ademais, os artigos de sua
lenda trucidaram tanto as terras e os povos das terras.

Das paragens de S. Sebastião, Iguaçu e arredores, as
coisas, plantaram em pequenas terras, terra e milho, de modo
que os povos não eram sujeitos para os povos das
aldeias, chamavam-se a Júpiter (hoje Júpiter), detendo 20
povos da terra, pelo percurso os povos não eram
nem a de, em cima das terras, ora se chamavam a Santa
na (hoje Hércules).

Foram períodos de tempo, trouxe-se a paisagem, talvez
pela passagem contemporânea, das longínquas regiões do
tempo.



Ilustração de uma paisagem indígena das terras

BIBLIOGRAFIA

- NORTA BARBOSA L. S.

A Pacificação dos Cangangos Paulistas - Conferência realizada no Salão da Biblioteca Nacional, em 19 de novembro de 1913 - BPI.

- MELATI, DELVAIN MONTAGNER

Aspectos de Organização Social dos Cangangos Paulistas - 1978.

Entrevistados (denominados brancos), que conviviam ou conviveram com os índios:

- JOÃO MAURÍCIO COTRIM FAHO (Enfermeiro da Asilagem).

- NEREO NAVE,

- LUDVINO FERNANDES,

- JOSÉ FERNANDES GAVELHA,

- ELITA FERREIRA SIMÕES,

- JOÃO SOLER TORRES,

- ANDRÉ FERNANDES GAVELHA,

- GENÉSIO RUIZ,

- JOSÉ MARTINS SOUZA ALVES,

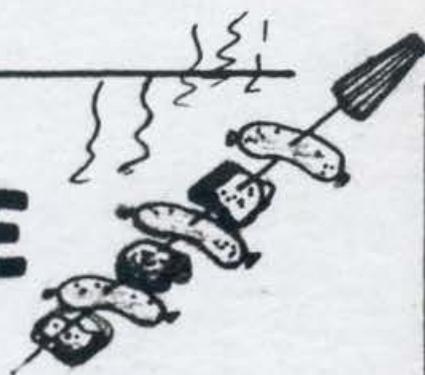
- ELZO NAVE,

- CRISTINO APARECIDO CABRERA MACHADO (Chefe do Posto Vacúro).

E, os personagens centrais: OS INDÍGENAS



LANCHONETE E



CHURRASCARIA DO BRIGOLA

CHURRASCO ASSADO NA BRASA, LANCHES, SALGADOS,
SUCOS, VITAMINAS E APERITIVOS

COMERCIAL E MARMITEX A TODA HORA.
ACEITA-SE ENCOMENDAS PARA FESTAS.

Lanchonete e Churrascaria do Brigola

SEMPRE O MELHOR PARA VOCÊ E SUA FAMÍLIA.

Rua Brasil, 650 - esquina com Av. dos Universitários.
Fone 42-7141 - TUPÃ - SP.

COLABORAÇÃO DO VEREADOR:

**AGOSTINHO MURINELLI
BONFIM**

(Bocão)

Incentivador da Cultura Tupãense



Cooperativa dos Produtores
de Leite da Alta Paulista Ltda.

Néctar

LEITE PASTEURIZADO TIPO C



Néctar

RUA COROADOS, 1816 - TEL.: 42-1262 - TUPÃ - SP.